

Funk, Amar ou cancelar?

Amado por uns e odiado por outros. A verdade é que o Funk sempre causou! O ritmo acelerado e alegre sempre foi polêmico, e continua sendo até os dias de hoje, mas, para além das batidas famosas e contagiantes, você conhece esse gênero musical? Como surgiu, como se popularizou, qual o papel e importância dele para a sociedade? Bom, continue até o fim que eu vou te explicar direitinho!

Introdução

“Falem bem ou falem mal, mas falem de mim”

Esse trecho da música Fale de Mim da MC Melody, descreve muito bem a relação do Funk com a sociedade. Sempre muito criticado pelas letras, danças e até pelas roupas curtas que o caracterizam, é um estilo musical muito ousado e famoso (isso não dá para negar), mas apesar de todas as críticas continua sendo uma **marca da cultura popular brasileira**, além de ser a fonte de renda de muitas famílias nas favelas e o refúgio da vida do crime para muitos jovens.

É por essa dualidade do Funk que **não dá para responder a pergunta do título**. Pelo menos, EU não posso responder por você, mas posso te apresentar ao Funk de um jeito diferente e você decide o que acha desse gênero musical tão controverso e viciante!

Como surgiu o Funk?

Apesar do Funk brasileiro ser muito famoso ao redor do mundo, ele não nasceu aqui (Pois é...também fiquei surpresa rs). Foi no sul dos EUA, no final dos anos 1950, que o Funk nasceu e foi registrado por grandes nomes como James Brown, Horace Silver e George Clinton, além de bandas como Earth, Wind and Fire.

A real é que o Funk é uma “mistureba” de vários gêneros musicais da cultura negra como Jazz, Gospel, Soul, Rock, R&B e música psicodélica. As batidas potentes e estimulantes e as letras mais eróticas (não tanto quanto o Funk brasileiro e atual, eu juro rs) fizeram o Funk ser considerado um estilo indecente no início, mas com o tempo foi alcançando cada vez mais ouvintes e fãs.

A fama foi tão grande que as palavras Funk ou Funky começaram a ser usadas para descrever algo ou alguém com estilo único. Tão forte e marcante quanto seu nome, o Funk aos poucos foi quebrando barreiras e atravessando oceanos. Foi assim que ele chegou ao Brasil nos anos 1970.

O Funk no Brasil

Surpreendentemente, **o Funk chegou ao Brasil através dos bailes da Zona Sul do Rio de Janeiro** (área nobre da cidade), mas ele não era o Funk que conhecemos hoje, e sim uma **reprodução do que se tocava nos EUA**. No início não tínhamos cantores e nem letras próprias (ou seja, era tudo mato ainda).

O “jeitinho brasileiro” só começou a ser incorporado aos poucos. Um dos primeiros cantores brasileiros a apresentar uma mistura do Soul com o Funk foi o, também ator, Tony Tornado. Ainda estava longe de ser um estilo 100% brasileiro, mas já era um começo.

Com a ascensão da MPB (Música Popular Brasileira) nos bailes da Zona Sul, o Funk foi deixado de lado e acabou se popularizando nas periferias. Os Bailes da Pesada (como eram chamados os bailes de periferia) aconteciam semanalmente em diferentes clubes, foi a partir daqui que o Funk começou a incorporar o estilo brasileiro e ganhar mais atenção da imprensa, se tornando conhecido em todo Brasil.

Nos anos 1980, começou a ser reproduzido o Miami Bass, um estilo nascido na Flórida e que era uma mistura do hip-hop com o eletro. As letras eram todas em inglês, ou seja, continuava a ser apenas uma reprodução do que se ouvia nos EUA.

A revolução no Funk brasileiro

O Funk brasileiro como o conhecemos hoje nasceu pelas mãos de um único homem: Fernando Luís Mattos da Matta, o **DJ Marlboro**. Foi ele quem introduziu o uso da bateria eletrônica no Funk (e que continua sendo usado até hoje), e lá no final dos anos 1980 ele lançou seu primeiro álbum chamado **Funk Brasil**, o primeiro álbum de Funk feito 100% com melodias e letras brasileiras.

O trabalho do DJ Marlboro serviu de inspiração para todos os artistas do Funk que viriam depois dele. Os anos 1990 foram um espelho dessa influência, pois começaram a surgir lendas do Funk como Claudinho e Buchecha, MC Marcinho e Cidinho e Doca.

Os anos 2000

Os anos 2000 vieram para consolidar o Funk como um ritmo brasileiro. Nessa época, ele saiu das periferias cariocas e se espalhou pelo Brasil como um vírus altamente contagioso que entrava no organismo pela audição e logo se espalhava por todo corpo provocando movimentos, coordenados ou não, pelo quadril, braços, pernas e fazia qualquer um remexer o esqueleto em academias, programas de TV, festas e em vários cantos do Brasil.

Esse “vírus do Funk” chegou até as periferias de São Paulo, e por lá ficou. Hoje, São Paulo é considerado o segundo berço do Funk brasileiro, fazendo com que os artistas paulistas disputem lado a lado com os cariocas para ver quem fica em primeiro lugar no Spotify rsrs.

Grande parte da popularização do Funk foi responsabilidade da **Furacão 2000**, uma produtora e gravadora carioca que lançou diversos artistas muito conhecidos do mundo do Funk, inclusive a Anitta.

Os anos 2000 foram uma época super importante para a formação do Funk de hoje. A incorporação dos MC 's , os mestres de cerimônia, ao Funk aconteceu nesse período. Foi nessa época também que a entrada das mulheres no Funk, um gênero até então dominado por homens, aconteceu. A **MC Tati Quebra Barraco** foi a principal precursora das mulheres no Funk.

O Funk domina tanto a indústria musical brasileira que ao longo do tempo foi ganhando subgêneros, como:

- **Funk Carioca (ou tradicional):**

O nome já entrega, né? Por ter nascido no Rio de Janeiro também é chamado de tradicional. Ele é o mais famoso dentre todos os subgêneros, e se destaca por ter batidas super aceleradas de 130 a 150 bpm (batidas por minuto);

- **Funk Ostentação (ou Paulista):**

Muito comum em São Paulo, esse tipo de Funk fala sobre carros, dinheiro, bebidas etc., e reflete os desejos da população periférica de adquirir bens de luxo e mudar de vida;

- **Funk Consciente:**

Apesar de não ser tão reconhecido como os outros, ele é muito importante, pois discute os problemas vividos na periferia como racismo, falta de segurança, a desigualdade social etc;

- **Funk Proibidão:**

Sem dúvidas, o mais polêmico dos subgêneros do Funk. Esse tipo de Funk fala de forma muito crua da realidade nas favelas e contém letras com forte sexualização. Ele é muito ligado ao Funk Carioca;

- **Brega Funk:**

Não é só no Sudeste que existe funk não, o Norte e o Nordeste também arrasam quando o assunto é Funk! Nascido em Pernambuco, o Brega Funk é um subgênero que mistura funk com eletrobrega. Ele se tornou popular a partir de 2018 com artistas como MC Bruninho e Aldair Playboy;

- **Trap Funk:**

É uma mistura das batidas do Funk com o timbre melódico do subgênero do Rap nascido nos anos 2000, o Trap;

- **Funk Pop:**

Também pode ser chamado de Funk comercial, porque ele é a porta de acesso para a carreira internacional de muitos cantores, alguns deixam até de usar a nomenclatura de MC 's. Ele é caracterizado por possuir letras e batidas bem mais suaves do que o Funk raiz. As cantoras Anitta e Ludmilla são grandes nomes desse estilo.

O papel social do Funk

Desde seu nascimento, nos EUA, o Funk tem a sua importância social. O gênero teve forte influência do Movimento pelos Direitos Civis, pois suas letras retratavam a realidade vivida pelos negros naquela época. Todo o sofrimento causado pela segregação racial era exposto pelas batidas alegres do Funk.

O tempo passou e o Funk ultrapassou fronteiras, mas ele **continua até hoje dando voz ao povo negro e da periferia**. No Brasil, ele dá voz aos jovens periféricos que sofrem diariamente com a desigualdade social, o descaso do Estado, o racismo, a violência policial e vários outros problemas.

O Funk "Rap da Felicidade" de Cidinho e Doca é um retrato disso. A música fala sobre a desigualdade social existente entre os bairros mais nobres e as favelas, e a violência brutal e excessiva contra as comunidades. Mas apesar de todo esse sofrimento, o cantor repete o desejo simples de todo periférico: **ser feliz na favela em que nasceram e se orgulhar de quem são**.

O Funk, além de dar voz à periferia, serve como bote salva-vidas de muitos jovens periféricos que tem que conviver com a criminalidade muito perto de suas casas e que flertam com eles, uma vez que a desigualdade social e o descaso do Estado é refletida nos problemas de infraestrutura em seus bairros e nos pratos vazios em suas casas.

Encurralados com a necessidade de ter que colocar comida no prato e a criminalidade, muitos acabam cedendo ao mundo do crime. Portanto, seja como MC 's, Dj 's, dançarinos etc., os jovens têm seus futuros salvos através do Funk.

Além disso, o Funk é uma ferramenta de resistência da periferia contra as violências da vida e do sistema. Afinal, é um gênero forte e que celebra a vida, e não existe arma mais poderosa contra o ódio do que a alegria. Ver corpos, em sua maioria, pretos dançando e celebrando a vida e sua sexualidade (independente de qual seja), é revolucionário.

Inclusive, para as mulheres isso é de extrema importância, uma vez que vivemos em uma sociedade machista que tenta a todo custo controlar nossos corpos e sexualidade, ver mulheres celebrando seus corpos e sua liberdade sexual é inovador.

Preconceito contra o Funk

Apesar do papel revolucionário e de resistência que o Funk desempenha, assim como qualquer movimento cultural da cultura negra como o Samba e as religiões de matriz africana, ele sofre com preconceitos e tem sua imagem associada ao que é errado e ruim.

A criminalização do Funk se fortaleceu em 1992, quando os MC 's começaram a ser culpabilizados pelos arrastões que aconteciam em Ipanema. Com a ajuda da imprensa, os artistas começaram a ser vistos como bandidos e o Funk, associado ao crime.

Essa visão errada e preconceituosa do Funk existe até hoje. Um exemplo foi o projeto de lei criado em 2017 que pedia a criminalização do Funk, apesar de ter obtido mais de 20.000 assinaturas, foi rejeitado pelo Senado.

Outro grande preconceito enfrentado pelo Funk é a hipersexualização e objetificação das mulheres nas letras. De fato, isso existe. Inclusive, o Funk "Surubinha de leve" do MC Diguinho foi fortemente criticado e penalizado pela clara alusão ao estupro.

Porém, a discussão aqui não é especificamente sobre isso, até porque, muito infelizmente, diversos outros gêneros musicais fizeram e fazem referências machistas e misóginas em suas músicas. O que é errado e precisa ser discutido urgentemente, mas o ponto aqui não é esse.

Inclusive, o site [Música Machista Popular Brasileira \(MMPB\)](#), foi criado por mulheres e serve para mostrar diversos trechos de músicas completamente machistas. E pasmem, não é só Funk que aparece lá! Há vários rocks, raps, mpb, sertanejo etc.

Agora, a pergunta que não quer calar é: Por que essa perseguição com o Funk sendo que há outros gêneros com músicas tão machistas quanto?

A resposta é a mesma do porquê o Funk ser sempre associado à criminalidade, o preconceito com tudo que é relacionado à população negra.

Conclusão

Respondendo à pergunta do título: **você não pode “cancelar” o Funk, mesmo que não goste dele.** O Funk é uma dentre tantas outras manifestações culturais dos negros. É uma forma de resistência, é uma válvula de escape, é fonte de renda, é a segunda chance para aqueles que cederam a criminalidade, é arte, é celebração da vida, é forma de expressão.

Você não é obrigado a gostar de Funk, mas sim a respeitá-lo. Querendo ou não, ele existe e mesmo que não faça a menor diferença na sua vida, com certeza faz na vida de outros. “Outros” que são, na verdade, gente que mora na periferia e que luta todo dia para sobreviver em um sistema injusto demais com quem é preto e favelado.

Fontes:

[Como o funk surgiu no Brasil e quais são suas principais polêmicas? | Politize!](#)

 [História do Funk | Conheça a trajetória do gênero musical que, quando toca, ninguém fic...](#)

[Conheça a história do funk no Brasil!](#)

[Origem do Funk e sua história ao longo das décadas - Toda Matéria](#)

[Funk - Brasil Escola.](#)

[REVISTAESQUINAS. Funk no Brasil: um panorama histórico da ascensão da cultura das comunidades](#)

[Subgêneros do funk | Wikifavelas](#)

[Seria o trap a ponte entre o rap e o funk?](#)

[Funk é cultura: o maior movimento da juventude periférica do Brasil](#)

[A criminalização do funk e o preconceito contra as culturas periféricas | Politize!](#)

[A criminalização do funk - Trip](#)